

revista do museu da oralidade



#2
agosto
setembro
outubro
2011

ORA!

viraminas



De volta aos trilhos



Ex-funcionários lembram
histórias de quando a
Rede Ferroviária era
sinônimo de progresso



E MAIS:

Prestes a completar 90
anos, professora espanhola
Júlia Bécarez lembra como
chegou em Três Corações

CINEASTAS INDÍGENAS • CARMO DA CACHOEIRA • MUSEU GTO • CHICO CICA

O Trem A Linha **O Galpão** / A velha Estação /
RMV

Quanta tristeza em ver lembranças caídas ao
chão [Sangrando] /

A saudade vai e vem ferindo espaços / Divaga
apodrecida amarelada /

[Aflita] Apita [Pede socorro] / Vagões inertes
em de/com/po/si/ção /

O trem de ferro não trafega mais / Ferrugem
fuligem fumaça vapores /

A memória dos homens é curta / Mas dentro
de nós inda há **Esperança** /

Esperança que mesmo cercada por destroços /
Cresce Avança não se deixa **Vencer** /
Imagina o trem levando **Poesia** rompendo
distâncias evocando Sonhos /

Vigas trilhos dormentes e o comboio viajando
por trilhas morros frontões /

O trem não ruma mais / Parou no tempo
esquecido pelos homens /

E se não pode mais correr por morros declives /
cortar lajes e grotões /

Ao menos salvemos as lembranças! / Já
sangraram demais:

O Tre**M** ... A Lin**h**A ... **O Galpão** ... A Vel**h**A
Estação**O** ...

Paulo D Barros

**Poema do livro: "Tempespelho...
Emetamorfozes" – de Paulo D Barros**

Lançamento previsto para dezembro/2011.



A cidade merece mais respeito

"Eu passo ali e me corta o coração". A frase, dita ao Museu da Oralidade pelo ex-ferroviário Ademar Neves, reflete o sentimento de muitos tricordianos que passam pela entrada do bairro Cotia e observam a situação de abandono do patrimônio da antiga RFFSA. O galpão da oficina está às moscas. A estação, sub-utilizada pela concessionária do trecho, há anos carece de restauração. Outras pequenas construções que compunham o conjunto sumiram com a ação do tempo e de vândalos.

É desagradável e revoltante saber que, por trás do abandono, está o desperdício de milhões de reais, cruzeiros, cruzados e mil-réis do povo investidos durante décadas na construção e manutenção dos edifícios. A cidade não pertence aos governantes, mas deixa a impressão de que eles tudo podem, inclusive desprezá-la, como fazem com a Rede Ferroviária. Se a comunidade se envolvesse, cobrasse e opinasse mais, soluções surgiriam. Porém, o resultado da soma do desinteresse do povo com descaso do governo jamais seria outro.

Instâncias legítimas de discussão destes assuntos, como o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, estão inoperantes. Outras forças que deveriam se posicionar, como o legislativo e o Ministério Público, não se prestam ao papel de cobrar uma atitude. E todos vão passando pelo local como se um galpão de dois mil metros quadrados caindo aos pedaços no coração da cidade fosse a coisa mais normal do mundo.

A Viraminas encampa a ideia de que o local deve abrigar um centro cultural. A tarefa não é fácil. Exige enorme esforço de todas as pessoas e instituições que decidam se entregar minimamente ao interesse público. Para inspirar esta luta, trazemos nesta edição depoimentos de ex-ferroviários, que lembram o quanto o patrimônio da Rede já foi cheio de vida. E deixamos a esperança de que, um dia, aquele não seja um local de se partir o coração.

A equipe



ÍNDICE

CAPA

Ferrovários de Três Corações lembram histórias da Rede 7

PERFIL

Júlia Bécarez conta suas aventuras antes de chegar ao Sul de Minas 13

MEMÓRIA VIVA

A rotina da roça na fala de Vilma Chagas, de Carmo da Cachoeira 17

GUIA CULTURAL

Serviços e opções culturais na região .20

UM LUGAR

O escultor Mário Teles mantém a arte do pai GTO em Divinópolis 21

PROSA MATUTA

O caipira Chico Cica fecha a revista contando causos 22

Ora! é uma publicação do Ponto de Cultura Museu da Oralidade. **Realização** Viraminas Associação Cultural. **Presidente** Bianca Bertamini Gomes. **Tesoureiro** Paulo Sixto Coutinho Falcão. **Secretário** Randolfo Cavalcante Albuquerque Reis. **Jornalista responsável** Paulo Morais (MTb 07996MG). **Projeto gráfico e editorial** Kutuco Editora e Produtora Cultural. **Apuração e redação** Paulo Morais, Andressa Gonçalves e Danielle Terra. **Fotos:** Paulo Morais, Andressa Gonçalves, Danielle Terra, acervo Victor Cunha, acervo Maurício Couto e Vídeo nas Aldeias.

Toda a revista é elaborada em software livre. A distribuição da **Ora!** é gratuita. **Onde encontrar:** Museu da Oralidade (Rua Padre José Bueno, 170), Casa da Cultura Godofredo Rangel, biblioteca da Universidade Vale do Rio Verde (Unincor).



Cultura



Ministério da Cultura



O conteúdo desta publicação pode ser reproduzido livremente para fins não-comerciais, desde que seja citada a fonte.

ORA! INDICA

VÍDEOS, LIVROS, TEXTOS E SITES QUE VOCÊ VAI GOSTAR DE CONHECER

REIZADO DE ZABELÊ – REGISTRANDO SABERES E FAZERES DO CARIRI PARAIBANO (MUSEU DA PESSOA)

O Reizado de Zabelê é um folguedo popular constituído de cânticos, danças e dramas ligados tanto às tradições religiosas, quanto às brincadeiras de rua do povo nordestino. Em 1919, teve seu início em Zabelê (Paraíba) por iniciativa do Sr. Manoel Venceslau da Silva, mais conhecido como Manoel João, um alagoano de Nova Palmares e Mestre de Reis. O vídeo, produzido em parceria entre o Museu da Pessoa, Sebrae e Rede Nordestina do Audiovisual, traz o registro das festividades, gravado em 2009, além de oito depoimentos de integrantes dos grupos de Reizado.



COLEÇÃO CINEASTAS INDÍGENAS (VÍDEO NAS ALDEIAS)

Tempos antigos, narrativas contemporâneas, gestos cotidianos. Entrelaçando passado e presente, palavra e imagem, corpo e memória, os filmes apresentados na coleção Cineastas Indígenas revelam outras possibilidades de perceber a diversidade das realidades indígenas no Brasil. Cineastas dos coletivos de cinema Kuikuro, Huni Kui, Panará, Ikpeng, Ashaninka e Xavante nos oferecem olhares íntimos sobre seus povos, seus modos de pensar e viver o mundo. A série é fruto de uma longa relação entre o projeto Vídeo nas Aldeias e as populações indígenas.

DIVERSIDADE CULTURAL – DA PROTEÇÃO À PROMOÇÃO, DE JOSÉ MÁRCIO BARROS (EDITORA AUTÊNTICA)

A obra traz diversos textos de autores ligados a universidades, à sociedade civil e ao Ministério da Cultura lançando olhares sobre o tema da diversidade cultural e apresenta-se como leitura indispensável para quem quer estar antenado com o que acontece no universo da produção artística contemporânea. O livro é dividido em temáticas: Promoção e Proteção da Diversidade Cultural, Diversidade Cultural e Desenvolvimento Humano, Diversidade Cultural e Educação.



CULTURA NORDESTINA

BLOG CULTURA NORDESTINA, DE MARCOS FRANÇA.

O blog Cultura Nordestina divulga e aborda os mais variados aspectos da cultura popular nordestina e brasileira. O espaço traz muita poesia, contos, poemas, curiosidades sobre o nordeste, além de artigos, eventos e reflexões sobre as tradições populares. Pelo site é possível também comprar o livro “Para rir até chorar com a cultura popular”, que traz histórias e versos de repentistas e cantadores populares. O blog tem um grande acervo de literatura de cordel e pode ser acessado em culturanordestina.blogspot.com.

COLEÇÃO CEM CORAÇÕES QUE FIZERAM TRÊS CORAÇÕES, DE RONALDO URGEL NOGUEIRA.

O escritor e memorialista tricordiano reuniu durante anos memórias de pessoas comuns da cidade. Coletando informações de porta em porta, com familiares, amigos e conhecidos de personagens do cotidiano, Ronaldo Urgel organizou uma série de minibiografias que contam a história do município. Alguns textos podem ser acessados em viraminas.org.br/ronaldourgel.

Todas as obras indicadas nesta coluna são encontradas na biblioteca do Museu da Oralidade.

6 ORA!

MATÉRIA DE CAPA



Grupo de ferroviários no antigo galpão da oficina, atualmente abandonado.

Eles trouxeram o progresso para Três Corações

Aposentados contam memórias da Rede Ferroviária Federal e lembram o quanto a ferrovia movimentava a cidade

Quem mora em Três Corações e nasceu de 1990 para cá – são 24.822, segundo o IBGE – nunca viu um só trem de passageiros cortar os trilhos que atravessam o centro da cidade. Para essa parcela da comunidade, chega a ser estranho imaginar que os arredores galpão da Rede Ferroviária do bairro Cotia, hoje abandonado à própria sorte, já foram cenário de intenso movimento de ferroviários, tanto trabalhadores da oficina quanto do escritório da extinta empresa. “A oficina mecânica era naquele galpão que tá caindo. Lá tinha carpintaria, fundição de bronze, os tornos, as plainas, o esmeril, ferraria para arrumar as peças da locomotiva, tinha um escritório, tinha um almoxarifado, tinha a parte de eletricidade, era tudo lá”, lembra o aposentado da RFFSA Maurício Couto, de 83 anos.

Do conjunto arquitetônico da Rede nos arredores do local, que engloba da ponte de



Antônio Tibúrcio, presidente da associação dos aposentados da Rede

ferro à atual Policlínica Municipal, muitas construções já caíram por inteiro. Algumas casas foram arrendadas pela prefeitura, outras continuam abrigando ex-ferroviários e há aquelas que foram privatizadas e acabaram virando lojas. O galpão da oficina, de 2 mil metros quadrados, teve mais de 100 funcionários, segundo o ex-ferreiro da Rede José Vítor Pereira. “Dentro do setor que eu trabalhava tinha o Valdemar dos Santos, Domingos Borges Carvalho, Alfredo dos Santos, Ademar Magalhães Neves, Djalma, que era irmão dele, Alcino Cassiano e vários outros companheiros”, recorda.

A estação ferroviária, hoje tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal, funciona apenas como dormitório para funcionários da Ferrovia Centro-Atlântica, empresa concessionária do trecho. No passado, entretanto, era mais do que uma simples plataforma de embarque e desembarque de passageiros. “O povo vinha fazer a mocidade, namorar e andar aqui na estação. Depois passaram a cobrar acho que 300 réis para entrar ali. E o pessoal fazia a avenida aí, era um movimento enorme, a plataforma todinha ficava gente pra lá e pra cá”, conta o ex-ferroviário Ademar Magalhães Neves.

Na estação tricordiana, os passageiros podiam embarcar para dezenas de cidades de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. A viagem para Belo Horizonte chegava a durar um dia, tamanha era a complexidade da malha ferroviária e a vagareza das locomotivas. Todo o movimento que a Rede trazia para a cidade exigia um enorme contingente de pessoal, o que fazia da estatal um dos principais empregadores da cidade. E, no começo das atividades, a entrada de novos

8 ORA!



Maria Ines: mulheres também tinham espaço na Rede Ferroviária

funcionários se dava por indicação. Não por acaso, muitos dos antigos ferroviários iniciavam na profissão a partir de indicações de parentes.

“Meu pai era ferroviário, trabalhava na Estrada de Ferro Oeste de Minas, na manutenção. Abastecia locomotivas, lenha, areia, tudo. Todo domingo eu ia levar almoço para ele e ficava até a hora de ir embora. Eu era apaixonado pelas locomotivas, sonhava que um dia eu seria maquinista”, comenta Antônio Gomes Pimentel. “Meu pai era ferroviário também. Ele era mestre de linha, supervisionava a manutenção da via permanente, que é a linha férrea. Ele trabalhou sempre aqui, eu e meus três irmãos fomos ferroviários. O meu avô também foi ferroviário, ele ajudou construir a ferrovia na época. A família é praticamente toda de ferroviário”, lembra Antônio Tibúrcio de Oliveira.

A indicação de parentes normalmente resultava em postos de trabalho braçal, que exigiam pouca qualificação. “Eu tinha um primo que trabalhava na rede, ele falou que ia arrumar uma vaga para mim. Arrumou e eu entrei lá como praticante, trabalhei na ferraria como ajudante de ferreiro, depois me deu na cabeça de entrar como foguista e ainda passei a maquinista”, explica Aquiles José Nogueira.

Mas nem só de trabalhadores braçais era composto o quadro de funcionários locais. Tanto a estação quanto o escritório da Rede, prédio onde hoje funciona uma loja de móveis, era ocupado por funcionários que lidavam com a administração e a burocracia da empresa, caso, por exemplo, dos



O povo vinha fazer a mocidade, namorar aqui na estação. Depois passaram a cobrar acho que 300 réis para entrar ali. A plataforma todinha ficava gente pra lá e pra cá”

Adhemar Magalhães Neves

telegrafistas. “Eu entrei na rede designado para vir para a sala de aparelho, que naquela época era o bicho-papão da estrada de ferro, pois ninguém gostava de trabalhar lá. Era tudo em código morse e eu aprendi praticamente sozinho. O serviço era unicamente receber e transmitir os serviços que eram feitos em todas as 92 estações”, recorda Cloyverde Pinto.

Ferrovia não era apenas coisa de homem. Para as tarefas administrativas, acabavam restando muitas vagas para mulheres. “Eu fiz o concurso e fui chamada pra trabalhar. Tinha uns 20 anos. Eu fazia redação, balancetes. Tinha muitas mulheres que trabalhavam no escritório: a Terezinha Ferreira, a Juraci, a Maria Helena, a Maria de Jesus Ribeiro, a Zuleica, a Geralda, a Oscarlina, a Zilá, a Clélia”, enumera a escriturária aposentada Maria Ines. “Só mulheres, tinha 45 na rede. O escritório era enorme, imenso. O salão que a gente trabalhava era maior que um salão de baile”, compara a também ex-escriturária Terezinha Ferreira Moisés.

O número de aposentados da Rede Ferroviária em Três Corações ultrapassa os

10 ORA!



Foto de 1929 mostra a estação que, na época, era da Rede de Viação Sul Mineira

150. Eles formam uma associação, presidida pelo ex-telegrafista Antônio Tibúrcio de Oliveira. Dentre as atividades, a instituição dá orientações a familiares sobre questões trabalhistas e judiciais. A quantidade de ex-funcionários, no entanto, vem caindo. “Muitos faleceram, a gente tem até a lista aqui, chamada lista negra, dos aposentados que vão falecendo, tem 284 anotados falecidos. Nós tínhamos de 400 a 500 participantes”, comenta Tibúrcio.

Mesmo depois de aposentados, há ainda quem recuse o prefixo "ex" quando se trata de revelar a condição. Paulo Lourenço de Freitas, por exemplo, tem curso superior de administração e sociologia. "Mas eu ponho nos meus documentos, profissão: ferroviário, porque se seu sou o que sou, foi a ferrovia que me fez", explica.

NOMES E DATAS

Na década de 1870, iniciou-se a construção de ferrovias em Minas Gerais. O transporte começou em 1880. No ano seguinte, o governo imperial concedeu o trecho entre Cruzeiro (SP) e Três Corações à iniciativa privada. As obras foram concluídas e inauguradas em 1884, o que contribuiu para a emancipação do município. Com sucessivos arrendamentos e incorporações por parte dos governos estadual e federal, os trechos que passam pela cidade já fizeram parte da Estrada de Ferro Minas-Rio, Rede de Viação Sul-Mineira, Rede Mineira de Viação e Rede Ferroviária Federal. Hoje fazem parte da Ferrovia Centro-Atlântica e operam apenas com transporte de carga. 🚂

Histórias da Rede em Três Corações estão disponíveis no museudaoralidade.org.br.

PERFIL JULIA FOLGUERAS BÉCAREZ

Fiquei apaixonada pelo Brasil



Conhecemos dona Julia quando gravávamos a memória dos professores de Três Corações. A história dela destacou-se das demais, por vários motivos. Primeiro, pelas constantes idas e vindas, sempre encaradas com bom humor, que marcaram a narrativa. Segundo, pela riqueza dos detalhes lembrados, às vezes, com um charmoso ar de drama. E, por último, pelo sotaque espanhol carregado, que dão um tempero muito gostoso à conversa. Sempre dedicada à educação, a professora ajudou a criar seis faculdades de filosofia no interior de Minas Gerais. Entre elas, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Três Corações, onde foi vice-diretora e professora de história econômica, política e social, história geral e do Brasil e latim. A poucos dias de a professora completar 90 anos, ela se dedica ao Centro Cultural Espanhol, que funciona no primeiro andar da casa dela. Nada mais justo, então, que compartilhar um pouco desta memória nas páginas de nossa revista. Apreciem.

Onde a senhora nasceu e o que seus pais faziam na época?

Eu nasci em Madri, na Espanha, em 10 de setembro de 1921. Meu pai se chamava Servulo Folgueraz e minha mãe Alvara Dominguez Dias. Quando eu nasci, meu pai tinha feito concurso para o Ministério da Educação e foi destinado a Lérida, uma

cidade pertencente à província da Catalunha. E ali ficamos. Era uma cidade por onde passa o rio Sena, e eu lembro que tinha um cinema ao ar livre, do outro lado do rio. Às vezes, meus pais iam ver o cinema, e naquela época não tinha bonde, tinha uma barca muito grande. Ou eu que era muito pequena? (*risos*).

Aos sete anos, meus pais voltaram para Madri. Então eu continuei fazendo a escola primária em Madri. Então meu pai pediu transferência para Zamora, outra província, porque era a terra dele e da minha mãe.

Como foi sua infância na Espanha?

Na Espanha, as aulas começavam às 10 da manhã. Agora olha que tristeza: meus netos pequetitos, às 7 horas da madrugada, já tem aula! Na nossa escola, tínhamos dança, música, e, no recreio, tinha ginástica rítmica para as meninas. Tinha esportes: futebol, tênis, vôlei, *baloncesto*. Era muita gente no Instituto, mais de 2 mil alunos. Tinha vários campos de tênis, dois campos de futebol, tinha jardins imensos, tinha várias raquetes e bolas, tinha quartos repletos de raquetes e bolas de tênis.

Nessa época, houve a Guerra Civil. Ela começou em julho de 1936, eu tinha então 15 anos. Ainda bem que tínhamos ido para Zamora, não estávamos em Madri. E foi horrível. Não vimos nada de guerra, porque estávamos no que se chamava Zona Nacional. Não ouvimos tiros, não ouvimos nada, só que tudo era racionado. Davam 100 gramas de açúcar para cada semana por pessoa. Os parentes do meu pai eram fazendeiros, então não aconteceu nada com eles. Agora meus parentes de Madri, esses sim, foram para a guerra. A minha mãe mesmo teve um irmão que desapareceu na guerra. A guerra durou três anos.

Quando a gente é muito infantil, fica mais impressionada, porque para a família da gente tudo era racionado: o óleo diesel, o cigarro, o tabaco, o pão. Nessa época, o pão era muito ruim, porque a farinha era racionada. Então eles misturavam muita farinha estranha e o pão ficava muito duro. Ainda bem que minha mãe fazia pão em casa, mas tinha que comprar farinha às vezes até no mercado negro.

Como despertou na senhora o interesse pelo Brasil?

Quando eu estava na faculdade, a embaixada brasileira mandou uns filmes. Eram muito bonitos e eu fiquei apaixonada pelo Brasil. Eu fiquei encantada pelas fotos, pelos filmes que a embaixada mandou. E meu irmão era de uma sociedade filatélica e de numismática. Então, eu arrumei uma correspondente espanhola que morava em São Paulo, que me mandava postais do Brasil, e eu mandava da Espanha para ela. O amor pelo Brasil foi crescendo e ela dizia: “Não tenha medo de vir!”.

Eu me formei na faculdade em 1946. E em Madri, meu pai tinha um relacionamento muito grande. Ele conseguiu três empregos para mim. Eu fui ser diretora do Politécnico com 25 anos e resolvi não ser diretora nunca mais, porque ali traz muitos aborrecimentos. Nesses empregos, eu estive ali um ano só, porque eu quando me licenciiei, eu propus para o papai: “Eu quero ir para o Brasil.”

Ele foi contra e me mandou para uma província a 300 quilômetros de casa, para esquecer aquilo. A cidade chamava Benaventez, tinha um castelo bonito, um parque muito florido, lindo. Para vocês, a distância parece pouca, mas para a Espanha, é uma eternidade. Meu pai não estava seguindo o mesmo pensamento, ele só via que, se eu mudasse para o Brasil, ele estava perdendo a filha para milhares de quilômetros de distância.

Acontece que ali eu conheci um senhor muito simpático, que era professor de matemática, e comecei a fazer a cabeça dele. O nome dele era Manuel Bécarez Perez. Os pais deles ficaram furiosos, não entendiam porque, se ele tem emprego de professor, tem fazendas, porque ele queria vir para o Brasil? Ele dizia que aqui tem terras grandes, terras férteis. Meus pais também não compreendiam, porque eu queria vir, pois se eu tinha emprego, tinha meus amigos por lá. Então não foram no casamento. Ninguém. A cidade inteira foi, as autoridades foram no casamento da senhorita Julita. Meus pais sofreram bastante e eu também, e eles falaram: “Você não volta para Madri no Natal para aprender!”.

“Chegamos em Santos. A primeira impressão foi muito bonita. A gente via o deslumbramento, via aquelas fotos de verdade, via a Serra do Mar. Que bonito!”

Nós nos casamos em 31 de março de 1952. Eu estava estudando piano e então a minha professora de piano tocou a marcha nupcial. Ah, foi uma festa muito grande. Um mês depois, a gente pegou o navio e viemos embora. Na hora que tocou aquela sirene para arrancar o navio, tocaram um *paso doble* em espanhol, vocês não imaginam como doeu. Embarcamos em Cades, o navio fez escala em Sevilha, foi o último lugar da Espanha que nós vimos. Ele também ficou muito emocionado. Porque quando você sai de um país por causa de uma guerra ou porque você foi obrigado, não dói tanto. Mas, quando você sai porque quer, corta as amarras, aí dói muito.

Como foi a chegada no Brasil?

Chegamos em Santos, a primeira impressão foi muito bonita. A gente via o deslumbramento, via aquelas fotos de verdade, via a serra do mar, que bonito! A segunda impressão é a ausência, a gente sempre sente falta de tudo.

De Santos fomos para São Paulo. A terceira impressão foi a suntuosidade da vegetação, que beleza! Aquele cheiro de café torrado! A dificuldade do idioma foi uma barreira. Em São Paulo, percebemos que fizemos uma burrada: não aprendemos português, nem o bom-dia. Arranjei emprego num orfanato, mas não é a minha área. Fomos no consulado, eles falaram que emprego para professor era difícil. Foi um choque muito grande. Eles nos aconselharam a seguir para Londrina. Segundo desastre.

Aquilo, minha filha, parecia banguê-banguê de faroeste americano. Pessoas de todos os lugares, mal-vestidos, sem fazer a barba, com um facão pendurado, meu Deus,

onde que eu fui parar! Estivemos em Londrina até dezembro. Meus pais quase mandaram a passagem de volta, porque eu fiquei doente de tanto calor.

Sáímos de Londrina e fomos direto para o Rio Grande do Sul. Nos disseram que ali era muito bom. Dia 24 de dezembro, chegamos a Ponta Grossa, e foi o Natal mais triste da minha vida. Entramos em contato com diversas pessoas e quando começaram as aulas na faculdade, demos aula lá. Meu marido foi delegado consular de Espanha. Ajudava os patrícios que chegavam e fizemos muitos amigos. Eu fiquei três anos, porque mudou o governador e eu não sabia que aqui no Brasil tem o costume de, quando muda o governador, muda tudo. Fomos novamente para São Paulo, com duas crianças e eu grávida. Não foi fácil. Nasceu meu terceiro filho, que fiz questão de ser batizado na catedral.

E como a senhora veio parar em Três Corações?

Quando estávamos em São Paulo, ficamos sabendo de Varginha. Fomos para ali e ficamos até 1958. Em 1958, chegamos em Três Corações. Eu cheguei aqui e vi a Praça da Matriz. Nós estudávamos muito história da arte e vi uma igreja de estilo gótico. Nossa, mas que bonito! Nós entregamos nosso currículo no Estadual, que era do Monsenhor Fonseca, e então começamos a dar aulas.

A profissão de professora dá muitas compensações. Mesmo se eu não recebesse pagamento, eu iria dar aula com muito prazer. Realmente, você tem que ter amor pela profissão. Tinha uma grande escritora chilena, chamava Gabriela Mistral, que não precisava dar aula, pois ela ganhava um tanto como escritora. Mas ela dava aula aos pequenos, como dizia, pelo prazer de servir. E realmente é um prazer para quem realmente é um professor nato. Agora, também somos uns idiotas, porque recebemos pouco dinheiro. Mas em compensação temos muitos alunos, fazemos muitos amigos. 🎧

O conteúdo completo da entrevista com Júlia Bécarez está disponível no museudaoralidade.org.br

MEMÓRIA VIVA

"Todo dia é assim, igual uma roda"



Vilma separa feijão no quintal da roça

Texto e foto: Danielle Terra

Desde criança, sou fascinada pela história de vida da minha avó, Vilma Corrêa Chagas. Todas as lembranças que me cercam sobre ela foram vividas na infância: Vó Vilma de cabecinha branca, levando sua rotina na roça, cuidando de filhos, netos, plantas e animais. Cresci influenciada por sua personalidade. Decidi registrar a história dela, aproveitando a oportunidade do trabalho de memória oral desenvolvido pela Viraminas. Na última visita que fiz a minha avó, na fazenda Chamusca, em Carmo da Cachoeira, onde vive há mais de 50 anos, gravei um vídeo caseiro, em que ela conta um pouco de sua trajetória, me levando a viajar por tempos distantes, quando as mulheres usavam vestidos longos e rendados e chapéus e sombrinhas embabadadas e andavam a cavalo ou carros de boi. Eis um trecho do depoimento gravado.

“Meu nome é Vilma Corrêa Chagas, nasci dia 20 de fevereiro de 1936 no município de Ingaí. Morava na fazenda Pedra Preta com meus avós por parte de pai. Lá tinha um

engenho de cana, muita cana plantada. Todo mundo junto fazia açúcar moreno, caldo de cana, melado, rapadura, tirava leite e fazia queijo mineiro.

A minha vó era tia de um coronel dono de escravo. A fazenda era toda cercada de muro de pedra feito pelos escravos. Era tudo com muita fartura, muito doce, muita coisa boa. Depois meu avô morreu e ficou só minha vó que lidava com tudo. Minha tia tinha carneiro, plantação de algodão. Todo mundo ajudava a fazer a lã.

Os avós do meu pai tinham três fazendas em Ingaí e muitos escravos. Quando comprou a fazenda Pedra Preta, ele comprou uma turma de escravo. Enquanto esperava os escravos chegar, aconteceu a libertação dos escravos. Aí ele quebrou, porque teve que vender as outras duas fazendas por falta de gente para ajudar na lida. Sobrou três escravos, Francisco, Joaquim e José. Esses três escravos é que ficaram pra ajudar na fazenda. Os escravos e os filhos ajudavam minha vó depois que meu avô morreu.

Naquele tempo a gente ficava muito com a família. Era todo mundo junto. Não tinha muito carro não. Só na cidade que tinha um ou outro. Quando a gente ia em alguma missa em Ingaí era de cavalo ou carro de boi. O movimento era de carro de boi.

Minha vó andava de cavalo. Arreava com o silhão. Punha uma cadeira, trepava no cavalo, sentava com a perna de lado, punha um neto no colo, um chapéu grande na cabeça, um vestido comprido arrastando, com muita renda. Não tinha nada decotado. Às vezes andava de sombrinha. Hoje, a fazenda que a gente morava é tudo diferente. Naquele tempo não tinha luz, só de querosene. Quando chegava na parte da noite, acendia o lampião e pendurava na parede. Se ia sair, carregava o lampião.

Nessa época eu tinha uns 12, 13 anos. A gente estudava numa escola em Ingaí e depois fui estudar no internato em Lavras. Fiquei lá até 1949. Depois parei de estudar e voltei pra fazenda Pedra Preta. Fiquei lá até me casar. Era uma vida muito boa. Melhor do que hoje. A vida de antigamente era muito boa.

Lá em Ingaí tinha a festa de São João, a festa da fogueira, os bailes. E lá conheci o José Pereira Chagas. A gente casou e foi morar numa fazenda alugada no município de Carmo da Cachoeira. A gente teve oito filhos. Seis homens e duas mulheres. Isso foi na Fazenda Santa Rita. Lá a gente plantava café, milho e tirava leite. Depois a gente comprou a Fazenda da Chamusca, onde avivo até hoje. Aqui a gente já plantou muito café, tirou muito leite.

Os tempos de antigamente era mais fácil. Era tudo mais farturento. Tinha mais gente pra ajudar na roça, era muito gado, muito leite, era tudo mais. Não tinha tanta coisa errada como hoje. Depois meu marido morreu e agora os filhos é que tomam conta de tudo com muita dificuldade, cada um com seu pedaço de terra. Meu casamento não foi arranjado não. Foi porque gostou e casou. Conheci ele numa festa de Nossa Senhora de Fátima, na procissão, 13 de maio. Logo a gente ficou noivo e casou. Foi 20 de fevereiro de 1955. Tive 8 filhos.

Agora eu sou viúva, moro com quatro filhos. Levanto cedo como sempre. Coloco fogo no fogão de lenha, vou moer o café no moedorzinho de mão. O povo vai levantando de um em um. Faço os tratos dos pintos, das galinhas. Vou fazer almoço lá pelas oito e meia e nove e meia todo mundo almoça, depois vai cada um pro seu lado. Faço uma coisa ali, outra aqui, mais tarde todo mundo toma café, quatro e meia da tarde faço a janta, cinco e meia todo mundo janta, depois vai assistir novela, joga conversa fora. Chega oito da noite já tá todo mundo dormindo. Todo dia é assim, igual uma roda.

Hoje tenho 78 anos, nove netos e seis bisnetos. Sempre cortei o cabelo de todo mundo. Depois comprei uma maquina de pé e aprendi a costurar. Costurava pra todo mundo aqui. Pra tudo quanto é vizinho.

A saúde tá boa. O segredo é do tempo que era criança com a vida com minha vó. Nunca fui no médico, quero distância de médico. É tudo mentira que o povo fala que doce e gordura só faz mal. Meu almoço é gordo, como muito doce. Acho que muito doce faz bem. Muita gordura e muito doce. Aqui em casa também ninguém vai no médico. Todo mundo aqui tem muita saúde.” 

GUIA CULTURAL

SERVIÇOS E OPÇÕES NA REGIÃO

ESPAÇOS CULTURAIS

Biblioteca Pública de Três Corações -

Praça Odilon Resende de Andrade,
Centro. - (35) 3691-1085

Casa da Cultura Godofredo Rangel -

Praça Coronel José Martins, 45, Três
Corações - (35) 3691-1086

Cineclube Benedita - exibição gratuita

de filmes quintas-feiras, às 19h. Av.
Virgílio de Melo Franco, 481. Centro,
Cambuquira. (35) 3251-3534

Museu da Oralidade - encontros

quintas-feiras às 19h30. - Rua Padre
José Bueno, 170. Centro, Três
Corações. 3231-2690

www.museudaoralidade.org.br.

Museu Municipal de Varginha - Praça

Matheus Tavares, 178. Centro, próximo
à estação ferroviária. (35) 3690-2716

Museu Regional do Sul de Minas - Rua

João Luís Alves, 26, Campanha. (35)
3261-4008.

Espaço Cultural Duque de Caxias -

também conhecido como Museu da
ESA (Escola de Sargentos das Armas).
Aberto de segunda a segunda. Av. Sete
de Setembro, 628. (35) 3239-4000.

SERVIÇOS E CURSOS

Cristiano Lemos - aulas de violão,
cavaquinho e viola. (35) 9967-4662

Cristiano Valério - luteria (montagem
e reparos em instrumentos de corda) e
estúdio para ensaios. (35) 9964-0377

Léo Rodrigues - design gráfico para
peças de divulgação (cartaz, folder,
panfleto). (35) 8813-6332

Felipe Rossi - aulas de flauta
transversal às terças, na Casa da
Cultura. (35) 8801-0204.

TURISMO

Receptivo turístico de São Thomé das

Letras - informações sobre passeios e
opções na cidade. Rua José Cristiano
Alves, 4. (35) 3237-1276

Participe desta coluna. Envie e-mail para
contato@viraminas.org.br com o assunto "Guia".

UM LUGAR MUSEU GTO



Obras retratam temas da cultura popular

O inventor da roda

Para quem ainda não conhece a obra do escultor Geraldo Teles de Oliveira, de Divinópolis, vale à pena visitar o Museu GTO. Localizado no tradicional bairro Niterói, a casa é onde hoje funciona a oficina do também escultor Mário Teles, filho de Geraldo.

Geraldo Teles de Oliveira nasceu em Itapeverica, na região Oeste de Minas Gerais, em 1913. Mudou-se para Divinópolis ainda jovem, quando tornou-se funcionário do Hospital São João de Deus, onde trabalhou como vigia noturno. Só depois dos 50 anos começou a esculpir. Criou uma identidade artística própria, reveladora de uma imensa criatividade, traçando dezenas de figuras humanas no que chamou de Roda da Vida. Outras formas foram desenvolvidas, como a Pirâmide da Vida.

O museu abriga várias obras do pai, Geraldo, e do sobrinho, Geraldo Fernando de Oliveira, o GFO, que também segue a arte do mestre. Os trabalhos de Mário Teles mostram que ele não apenas se apropriou da linguagem de GTO, como também a recriou. “Eu não sou professor, porque eu não estudei para dar aula. Tudo o que eu faço é da minha cabeça, é a minha arte”, conta Mário, que já esculpiu mais de 3.500 peças, "sem repetir uma!" 🌀

O endereço do Museu GTO é rua Rubi, 283, bairro Niterói, em Divinópolis.

ORA! 21

O cego e o dotô

Ô mais o sô, óia que o povo é baxo memo. Isturdia eu alembrei do Sô Severo, um homi munto bão dimais, mas que na hora de precisão era mais séro do que porco mijano. Ele habitava na fazenda do aburricido, num lugá apartado do mundo, cheio de estorvo pro caminho. Lá tinha um caboco que chamava Chico Mixirica, um caboquinho muito ratiquico dimais, muito prejudicadinho das saúde, mais que carregava uns femônemo com ele. É que o sujeito era cemporcentemente cego deus da nascença, e os povo contava que ele passava as mão em quarqué condução e falava a cor do artomóve.

Uai minino, um dotô médico que era istudioso desses negócio de zóio ficô sabeno desse causo, veio lá das capitá e acunhô lá pras banda do aburricido promódi pisquisá e tarvez intendê as habilidade do Chico Mixirica. Minino, a viagem foi uma difirculidade, era carro atolano, poera nas fuça, buraco pra tudo que é lado, mais o dotô médico tava imporgado dimais. Dispois de munto estorvo, chegáro tudo moído dos solavanco. Aí o Sô Severo recebeu todo mundo, convidô pra acabá de chegá e tomá um café. O dotô médico indagô se era memo verdade que lá tinha um cego que passava as mão nos artomóve e falava a cor. O Sô Severo confirmo pr'ele. Aí o Dotô ficô munto uriçado dimais e pediu pra cunhecê o bençoado. Então o Sô Servero chamô:

___ Chico, ô Chico, vem cá, passa as mão no artomóve aí e fala a cor pro dotô, ele veio lá das capitá somentamente pra te vê uai.

Aí o Chico Mixirica veio tintiano pro lado do dotô que tava dismirado esperano o femônemo acontecê. O sujeito tatiô o carro de lá pra cá, de cá pra lá, cherô as mão, incostô as zoreia no capô, deu treis tapinha no teto, incostô a testa na trasera do artomóve e falô:

___ É vermêio. Vermeio framboeza.

Aí o dotô médico assustô e falô:

___ Mais ele errô sô, o artomóve é azul escuro.

Aí o Sô Severo compretô:

___ Aaah não, falá a cor ele fala, mais acertá que é bão ele nunca acertô memo não uai.

É daí pra pió.



23.09.2011

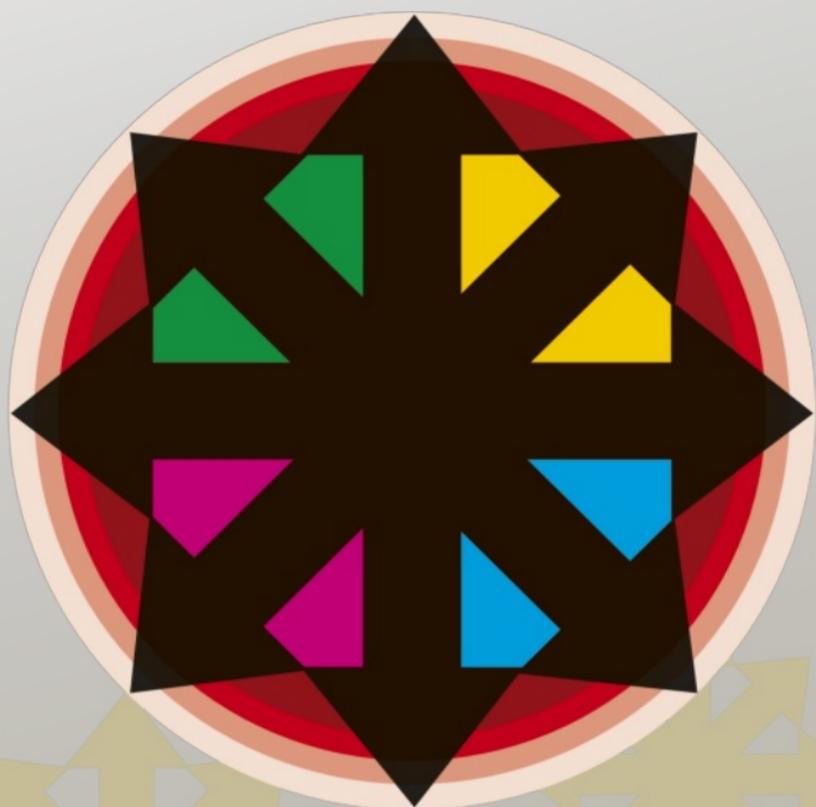
Três Corações

127 anos



Museu da Oralidade.

Em cada lugar, uma história pra contar



Quinta no ponto

Toda semana, tem
encontro na
Viraminas para
entender, criar e
reinventar a
cultura na cidade.

Acompanhe a programação
em viraminas.org.br.
É toda quinta-feira às 19h30.
Rua Padre José Bueno, 170
Centro - Três Corações



Ministério da
Cultura

